

## Douro sobre azul

### Author(s):

[Nuno Leocádio](#) <sup>[1]</sup>

### Show Author Info?:

0

Somos um ?jardim à beira mar plantado? pleno de beleza, tradição e identidade, o adubo ideal para florescer uma atividade turística forte e sustentável. No entanto, continuamos a preferir empreendimentos que são sinónimo de picos de desenvolvimento descontínuo em vez de sustentáveis. Exemplo disso são praias artificiais no interior, grande parte dos empreendimentos turísticos do Algarve e entre outros a navegabilidade do Douro.

Compreendo que a navegabilidade do rio Douro seja ouro sobre azul para as empresas que fazem tal exploração. Mas as populações ao longo do rio têm algum retorno deste empreendimento?

Na minha opinião, a navegabilidade do Douro não passa de uma atividade excursionista, principalmente sazonal e com mais valias praticamente nulas para as populações autóctones.

A navegabilidade do Douro explora uma paisagem rica, um património construído ao longo de séculos pelas mãos das populações que de socalco em socalco criaram uma paisagem única no mundo. Explora as tradições e a gastronomia local, leva os seus clientes a vários pontos de interesse ao longo do percurso, tudo isto a meu ver são aspetos positivos. No entanto, durante o trabalho de campo que realizei para o documentário ?Terra dos Sonhos? fui-me apercebendo que o turismo do rio Douro não passa de excursionismo. Uma vez que os clientes entram no barco usufruem da excelente paisagem dentro do barco e da gastronomia, durante vários dias, no final do percurso em Barca D´Alva entram em autocarros e vão diretamente para Espanha, sem qualquer contacto com as populações.

São vários os potenciais endógenos ao longo do rio. Na reta final conta com as gravuras de Foz-Côa (arte considerada pela UNESCO como património da humanidade) o Museu do Côa, a beleza de Barca D´Alva (um lugar com graves problemas de crescente despovoamento) e o potencial turístico e agrícola que este lugar tem por desenvolver.

O que pretendo explicar com isto é que as empresas que exploram a navegabilidade do Douro criaram um conceito de turismo que pouco contribui para o desenvolvimento dos sítios por onde passam os barcos, defraudando deste modo, as expectativas das populações e os investimentos dos municípios em cais e infraestruturas para receber os turistas.

Um empreendimento privado de milhões de euros que promove empregabilidade (sazonal) é certo, fundamental para divulgar tal zona repleta de beleza, no entanto, subvalorizado uma

vez que não desenvolve estratégias com as comunidades e poderes políticos de forma a dar um novo valor às aldeias e aos territórios rurais ao longo do percurso.

É fundamental ver o ponto de vista das empresas que ao longo do percurso valorizam a imagem e cultura do país e das localidades, no entanto, podemos questionar: na reta final do passeio de barco o que é que mostram aos turistas? Em Barca d'Alva uma estação ferroviária em ruínas? Barca d'Alva, Figueira de Castelo Rodrigo, Vila Nova de Foz-Côa são lugares cheios de potencialidades mas com poucos pontos de interesse desenvolvidos. Neste aspeto, falha o investimento público em infraestruturas que promovam estas zonas. O desinteresse ou incapacidade em restaurar a linha ferroviária do Douro que podia ligar Portugal a Espanha e Barca D'Alva ao Pocinho com a reestruturação da estação do Côa, possibilitaria que muitos turistas visitassem as gravuras do Paleolítico e o Museu do Côa em Vila Nova de Foz-Côa ou até visitarem as aldeias históricas aí perto, como Marialva. Assim se perdem oportunidades de criar riqueza e desenvolvimento de regiões já por si fragilizadas economicamente.

A exploração turística da navegabilidade do Douro devia ser uma boa oportunidade promotora de desenvolvimento. Para isso, tinham que ser criadas estratégias integradoras entre as empresas, o poder político e os agentes locais de forma a criar um ambiente propício à participação das comunidades locais, criando serviços que respondessem às oportunidades geradas pela possível presença de turistas e visitantes.

A atividade turística não pode ser o fim para atingir o desenvolvimento mas deve ser um dos meios, sempre em integração com os restantes potenciais endógenos.

### **Sumário da Home:**

Somos um ?jardim à beira mar plantado?. No entanto, continuamos a preferir empreendimentos que são sinónimo de picos de desenvolvimento descontínuo em vez de sustentáveis.

### **Lead:**

Somos um ?jardim à beira mar plantado?. No entanto, continuamos a preferir empreendimentos que são sinónimo de picos de desenvolvimento descontínuo em vez de sustentáveis.

### **Sobre o/a autor(a):**

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

**Ligações:**

[1] <http://www.esquerda.net/autor/nuno-leoc%C3%A1dio>